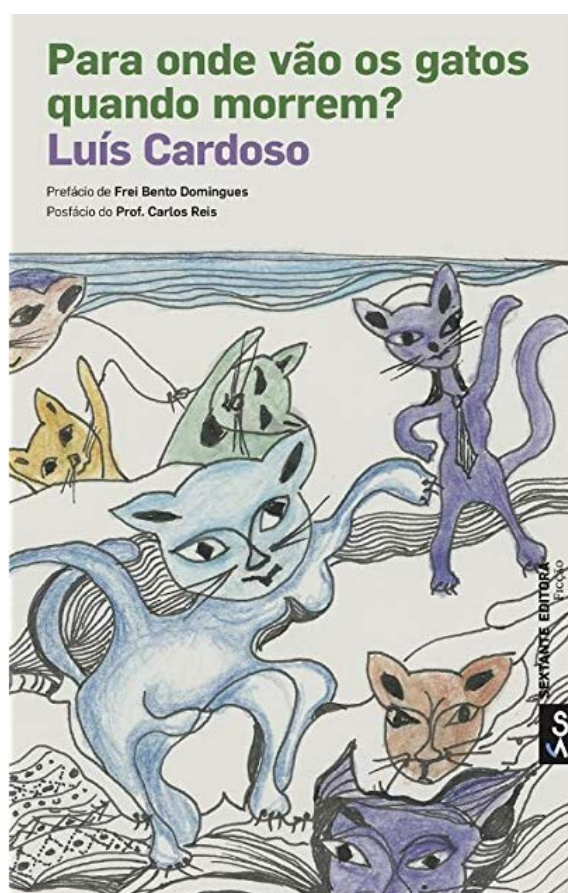


## Resenha: romance “Para onde vão os gatos quando morrem?”, de Luís Cardoso

CARDOSO, L. [2017]. *Para onde vão os gatos quando morrem?* Lisboa: Editora Sextante.

Daniel Batista Lima Borges  
Université Paris Nanterre



[Figura 1: Capa]

Para Luís Cardoso, autoficção e romance apresentam um equilíbrio bastante produtivo. Um exemplo é seu último livro, *Para onde vão os gatos quando morrem?*, que conta a história do crescimento do menino Ernesto, filho de Tomás de Aquino, chefe do posto da ilha de Ataúro pela administração colonial portuguesa em Timor-Leste.

O romance parece misturar aspectos pessoais da vida do escritor, que passou sua infância em Ataúro, com o desenvolvimento de personagens ficcionais, em um fundo histórico: o do desmantelamento da colonização portuguesa em Timor-Leste, seguido da invasão indonésia e da

independência do país, em 1999. *Para onde vão os gatos quando morrem?* abre muitos universos de referência: é um *bildungsroman*<sup>1</sup>, que acompanha o crescimento do menino Ernesto; como romance “marítimo”, mostra as relações específicas entre as diferentes culturas que se encontraram em Timor-Leste (árabes, chineses, portugueses, timorenses, brasileiros); e também se alinha entre os romances autobiográficos de elaboração da experiência de ditaduras<sup>2</sup>.

O romance se inicia com o relato em primeira pessoa feito pelo menino Ernesto, descrevendo suas descobertas de infância: seu contato com a natureza exuberante de Ataúro, com o mar, com os animais; seu modo particular de compreender as pessoas e a infinitas possibilidades de existência que um devir-criança pode propor. Ernesto vive com o pai, Tomás de Aquino, e com um servo, de nome Silêncio, um timorense submetido a uma existência dessubjetivada.

Além de descrever suas primeiras aventuras de infância, o menino também conta o pouco que sabe sobre a origem de seu pai, com quem vive, e sobre o silêncio que paira sobre a origem e o destino da mãe. “Foi-me dito por alguém, por distração (o meu pai nunca me disse nada), que ela havia desaparecido numa viagem” (2017: 21). O pai é um homem endurecido e de poucas relações de afeto, incorporando a figura do administrador patriarcal e autoritário. Evita se aproximar fisicamente de seu filho, o que produz uma relação distante e silenciosa entre os dois. Nas poucas vezes em que Ernesto se aproxima do pai, o menino é repellido com o comentário “Não quero um Eustácio em casa!” Sempre que o garoto demonstra afetividade, mesmo que por animais, quando resolve adotar um cão, a frase se repete “Não quero um Eustácio em casa!”<sup>3</sup> A dúvida de saber quem é Eustácio é algo que acompanha o jovem Ernesto durante muito tempo e, em um primeiro momento, sugere ao leitor apenas uma ação machista visando impor determinações sociais de gênero no menino. Em contrapartida, a relação com o pai produz no menino uma ansiedade afetiva: o desejo de saber sobre sua mãe, e que se projeta sobre cada ser que chega pelo mar à ilha de Ataúro.

A chegada da personagem Beatriz, pelo mar, é o início de uma esperança maternal de Ernesto, que é logo decepcionada. Beatriz, uma menina de 15 anos, que acredita ter sido enviada à ilha de Ataúro para ser preceptora de Ernesto, o acaricia, correspondendo à sua falta de afeto (Faz-me festas, Beatriz! Faz-me festas!; 2017: 33). Mas faz sempre questão de frisar que não é, nem nunca será sua mãe e que fora enviada à Ilha de Ataúro para ser sua preceptora.

---

1 O narrador, em primeira pessoa, conta a história da sua vida, que coincide, segundo ele informa, com a história da sua transformação (perda do pai). A ideia da vida como devir e transformação é característica do *Bildungsroman*, mas também de todo o relato autobiográfico, que sempre pressupõe uma mudança interna do narrador (Klinger 2008: 15).

2 A ditadura de Suharto na Indonésia coincide com várias outras ditaduras no mundo, em particular as ditaduras argentina e brasileira, que são o tema de várias levas de romances autoficcionais.

3 “Quando alguém se aproximava de mim, para me fazer festas, afastava-o com sua voz rouca. - Não quero um Eustácio em casa! Que para mim continuava a ser uma figura enigmática.” (2017: 47).

A única referência que Ernesto tem de Estácio é a de que, ao menino, são interditas as carícias, não importa de quem. Essa imprecisão abre margem para que Estácio (o da frase), um personagem homossexual que vai ser decisivo na trama, não seja descrito de forma estereotipada e homofóbica, como se espera que se faça em uma sociedade patriarcalista. A interdição cria um mistério que vai sendo desvendado pouco a pouco, e de forma muito cautelosa. Ao mesmo tempo, o romance vai mostrando a subjetividade elaborada da figura de Eustácio. É Beatriz quem descreve Eustácio, seu irmão mais velho, após repetidas insistências de Ernesto. A forma como isso acontece é brilhante, e dá uma vida própria a esse importante personagem. Eustácio é um jovem estilista timorense que fazia vestidos para a alta sociedade, cantava e dançava. “Como queres que eu fale do Eustácio, se nem conheces o resto da minha família, os meus irmãos? Que não se importavam nada que o filho varão fosse tudo menos um varão. Até achavam graça ter um irmão que fazia esse tipo de trabalhos ou de labores.” (2017: 61). A elaborada descrição humana de Eustácio contrasta profundamente com a referência seca, aparentemente estereotipada que produzia Tomas de Aquino ao se referir a Eustácio.

Ernesto e Beatriz descobrem logo que ela foi mandada para a ilha de Ataúro por sua avó, *Mama*, para se casar com o pai de Ernesto. O tema do casamento arranjado, tão frequente em Timor-Leste, se desenvolve por meio da angústia da jovem Beatriz, que, mais do que ver seu destino controlado por uma sociedade patriarcal, se vê como uma simples mercadoria em uma negociação onde ela própria não tem direito a existência subjetiva. Da mesma forma, o menino Ernesto se vê controlado pelo autoritarismo do pai, que reprova constantemente seu modo de ser. O destino do menino seria também determinado pela sociedade patriarcal, que, por meio da repressão, acabaria por construir uma cópia do pai repressor. Beatriz decide fugir para se apoderar de seu próprio destino, o que pode trazer consequências terríveis, pois, estando em uma ilha, um dia haveria de ser encontrada por Tomas.

Entretanto, em uma reviravolta decisiva, o pai de Ernesto, Tomas de Aquino, se suicida, o que acaba por liberar tanto Ernesto, em um devir-criança, quanto Beatriz, em um devir-mulher, para uma infinidade de universos de existência. Este momento é a válvula que abre o romance de Luís Cardoso para sua grandeza artística. Neste momento do romance, Beatriz assume sua subjetividade, e decide ser ela própria (–Eu sou a Beatriz!; 2017: 125). A experiência da liberação pela morte do pai leva o garoto a também complexificar sua observação da realidade. O menino deixa de projetar a mãe em Beatriz e a busca da mãe se desdobra na busca por Eustácio. A partir daí, uma série de universos de referência das mais variadas naturezas (religiões, modos de vida, paisagens, campos afetivos, casas cheias de lembranças, barcos, cemitérios, rios, mares, países...) se abrem e se conectam, uns após os outros, em uma velocidade cada vez maior, com revelações e reviravoltas

totalmente inesperadas.

Um exemplo é o aparecimento de Chong, um misterioso comerciante chinês que viaja em um barco cheio de animais (dentre eles um tigre sagrado) semelhante a uma arca de Noé. Neste momento, o romance adquire um tom de romance de viagens, com referências a naufragos, corsários, piratas e comerciantes chineses, tão presentes nas rotas marítimas com destino a Timor-Leste. Beatriz desaparece com a figura paternal do velho Chong, que a escolhe como herdeira de sua arca e de seu império comercial. Não é apenas Ernesto que amadurece com suas experiências, mas Beatriz, ao tomar as rédeas de seu destino, escapando de Tomás.

As revelações mudam mesmo a pergunta inicial de Ernesto e que dá nome ao romance. A questão “para onde vão os gatos quando morrem?”, que marcara a infância do menino é, em um dado momento, substituída pela pergunta “para onde vão os tigres quando morrem?” A pergunta, desta vez, é feita pelo menino diante da enérgica Beatriz, que ameaça partir em busca de seu auto-empoderamento; e respeitado tigre *Majestoso*, um dos habitantes da arca do velho Chong.

Seguindo uma linha de semelhante à de seus romances anteriores<sup>4</sup>, em *Para onde vão os gatos quando morrem?* Luís Cardoso também explora a presença autobiográfica real do autor empírico no texto ficcional, de maneira que se trata de discursos explicitamente situados na interface entre real e ficcional. A infância de Luís Cardoso em Ataúro, sua condição de timorense que habita há muito tempo em Portugal, e mesmo o conhecimento linguístico e cultural são evocados constantemente no romance. Mas para além das referências, o romance também apresenta intervenções diretas do autor, provocando a ilusão de contemporaneidade entre escritura e experiência.

É importante salientar que Timor-Leste apresenta, senão uma tradição, uma sequência de produções em primeira pessoa, autobiográficas, etnológicas ou autoficcionais. Entretanto, diferentemente de algumas produções, na autobiografia de Luís Cardoso a memória não é mais o dispositivo ao serviço da conservação dos valores de classe, mas a desconstrução de identidades fixadas pela sociedade patriarcalista e a exploração de novos modos de composição da identidade e da realidade. Para saber mais sobre o destino de Beatriz, é preciso ler o romance!

## Referências Bibliográficas

KLINGER, D., [2008]. A escrita de si como performance. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 12, pp. 11-30.

---

4 Crónica de Uma Travessia (1997), Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo (2002), A última Morte do Coronel Santiago (2003), Requiem para O Navegador Solitário (2007) e O ano em que Pigafetta completou a circunavegação (2015).